Cálculo da taxa de desemprego vai mudar

Ministério do Trabalho está estudando como unificar pesquisas feitas pelo IBGE, Dieese e Seade sobre o nível do emprego

Entrevista com Simon Schwartzman

Por Cecília Costa, Léa Cristina e Rachel Bertol

O Globo, 6 de maio de 1988

O IBGE está renascendo das cinzas. Depois de anos de maus-tratos, especialmente no Governo Collor, o principal órgão de geração de informações do país acelera a realização de pesquisas, porque agora conta com um orçamento em real e até mesmo ajuda de custo adicional. Além disso, está saindo da Mangueira e se mudando para um prédio recém-inaugurado na cidade. O novo endereço, Avenida Chile, 500, trará mais uma vantagem fora a de levantar o moral da equipe: segundo o presidente Simon Schwartzman, a mudança representa uma economia, pois o IBGE estava espalhado em dez prédios pela cidade e agora se concentrará em quatro. Novos tempos, nova cara. Mas se alguma vez a cara desagradou à população, o problema nunca foi do próprio IBGE, diz Schwartzman: "O IBGE não tem má reputação, o Brasil é que não tem boa cara".

O GLOBO: O IBGE está se reorganizando espacialmente. Como este processo está sendo feito?

SIMON SCHWARTZMAN: É uma maluquice. O IBGE está espalhado em dez imóveis na cidade, mas vamos passar a nos concentrar em apenas quatro. Na Avenida Chile, em Parada de Lucas, na Praça da Bandeira e num depósito perto da rodoviária.

O IBGE economizará muito?

SCHWARTZMAN: Gastamos hoje R$ 800 mil ao mês. O valor cairá para R$ 500 mil. Mas esse não é o principal fator, e sim a racionalização do espaço.

Durante o Governo Collor, assistimos a uma tentativa de destruição do IBGE e de várias outras instituições de pesquisa. Falou-se até em privatizar o IBGE. Essa reorganização física dá uma ideia de renascimento...

SCHWARTZMAN: Achamos que sim. Há esse clima. Num prédio moderno, com boas instalações, as pessoas vão se sentir bem.

E aquela história de privatizar o censo demográfico?

SCHWARTZMAN: Nunca vi, em lugar algum do mundo, o censo ser privatizado. As estatísticas básicas são um bem comum, de uso público, que ninguém vai financiar privadamente. Agora, por exemplo, estamos contratando cem mil pessoas, temporariamente, para fazer uma atualização do censo demográfico, com a contagem populacional. Isso poderia ser feito por uma empresa privada, mas há o problema de os dados serem confidenciais.

O IBGE está fazendo a contagem porque teria havido problema com o resultado do censo?

SCHWARTZMAN: Não, o IBGE sempre quis fazer isso. À medida que nos afastamos do ano do censo, as informações se tornam imprecisas. E como esse ano houve uma demanda muito grande por informações desse tipo, o Governo destinou uma verba de R$ 200 milhões para a contagem populacional, que começa em agosto. Os recursos também serão utilizados para o censo agropecuário. Este ano também estamos fazendo a PNAD, a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) e a de padrão de vida. E também estamos lançando na semana que vem a primeira pesquisa do IBGE sobre economia informal. São dados de 1994, relativos ao Rio de Janeiro.

É bastante coisa, de onde está saindo tanto dinheiro?

SCHWARTZMAN: A contagem populacional e o censo agropecuário não fazem parte do orçamento regular. O nosso orçamento está apertado, temos só R$ 350 milhões para o ano. Mas o nosso principal problema não é de dinheiro, é de recursos humanos. Os funcionários com capacidade de fazer pesquisa, conceber projetos, coordenar e analisar dados estão absolutamente no limite de trabalho. O Governo nos permitiu contratar agora 90 pessoas para a

área técnica. Não vou nem abrir concurso para profissionais com doutorado, porque o salário é muito baixo, de R$ 1.500, ninguém nessas condições aceitaria essa remuneração.

Houve demissão no IBGE?

Não, mas o número de funcionários caiu de cerca de 15 mil, no fim da década passada, para 9.300, por causa de aposentadorias.

Por que no Brasil a taxa de desemprego é tão pequena, se comparada aos níveis da Europa? É por causa da economia informal? Nossa taxa fica em 5%, 6%, enquanto na Europa é 11%, 10%. Na Espanha passa de 20%.

SCHWARTZMAN: A metodologia é a mesma, mas o dado não é comparável diretamente. A pesquisa do IBGE é Igual à da Organização Internacional do Trabalho (OIT), adotada no resto do mundo. Mas lá fora, quando a pessoa perde o emprego, começa a receber seguro-desemprego. No Brasil, as pessoas não vivem de seguro-desemprego, costumam se virar no setor informal. O desempregado, pela definição da pesquisa, é aquele que procura emprego e não acha, na semana anterior. Se a pessoa conseguiu alguma coisa, naquela semana, ela é uma pessoa ocupada para o IBGE. Mas, evidentemente, a realidade é diferente.

Isso não mascara a realidade?

SCHWARTZMAN: É preciso interpretar os dados corretamente, combinar a taxa de desemprego com outras informações, como o número de empregados com ou sem carteira assinada. É preciso olhar o conjunto. Mas 5% de desemprego no Brasil não é a mesma coisa do que na Europa.

Existe alguma previsão de mudança de metodologia?

SCHWARTZMAN: Achamos que a metodologia é adequada. Mas o Ministério do Trabalho está preocupado com a questão e deve criar uma pesquisa mais abrangente, com diversos órgãos, além do IBGE. Talvez tenhamos que mudar nossa taxa. O ministério criou um grupo de trabalho que está fazendo uma avaliação da pesquisa do IBGE. Estamos aguardando para ver o que vai ser decidido. O tema vai ser discutido no seminário que estaremos realizando esta semana, mas a

proposta finai do ministério não está pronta. Será discutida este ano e eu espero que o resultado disso seja uma pesquisa nacional sobre emprego.

No exterior o IBGE também é alvo de tantas críticas, quanto aqui, em que houve momentos de crise de credibilidade?

SCHWARTZMAN: Comecei a levar o IBGE para o circuito internacional, porque acredito que ele é muito voltado para si mesmo. Também estou cuidando para prestar informações rapidamente e com precisão, a demanda é muito grande lá fora. O IBGE é considerado um dos bons centros mundiais. Na América Latina, é o segundo depois do México e no Terceiro Mundo, estamos na ponta. O IBGE não tem má reputação, o Brasil é que não tem uma cara muito boa. Os dados que o Brasil infelizmente tem para mostrar no exterior não são lá essas coisas. Educação, desigualdade de renda, pobreza, mostramos um quadro que não gostaríamos de mostrar. Hoje o grande problema do Brasil é a desigualdade social. O que podemos transmitir é que estamos enfrentando essas coisas com seriedade, sem escamotear nada. Temos de enfrentar a realidade e para isso não podemos nos enganar a seu respeito. Precisamos conhecê-la para atuar em cima dos problemas.

Qual o objetivo do encontro nacional que vocês realizarão na Firjan amanhã e terça-feira? É o primeiro desse porte?

SCHWARTZMAN: Estamos fazendo uma discussão ampla, desde aspectos mais técnicos até a concepção, o uso, a institucionalização, o papel do IBGE na sociedade. Achamos que ele deve ser um órgão independente, mas vamos discutir como ele ficará na reforma do Estado, como se relacionará com outros órgãos. Estamos abrindo um leque muito grande de discussões. Os seminários anteriores não tinham uma concepção tão ampla. Na parte temática, criamos uma comissão independente, acadêmica, com uma pessoa que entende de cada assunto, na área de estatística e geografia. É a primeira vez que contamos com profissionais estrangeiros.

É verdade que vocês tiveram problema com os traficantes de Mangueira?

SCHWARTZMAN: Nossa relação com o pessoal da Mangueira é muito boa. Quando dissemos que íamos sair de Iá, eles ficaram preocupados, mas explicamos aos moradores que a mudança faz parte de um processo de reorganização da instituição.